



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 - dezembro de 2024

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p1-5>

APRESENTAÇÃO

A Revista *FronteiraZ*, mais uma vez, coloca nas mãos de seus leitores um número dedicado à *profanação* que o romance brasileiro tem praticado como um procedimento poético e político. Os artigos que integram o dossiê concentram-se nas variadas expressões de uma prosa profana, que devolve cada palavra ao seu nível mais informe de realização expressiva. Nenhum sentido primeiro, essencial ou litúrgico, interessa quando o propósito é afetar o corpo do leitor, até que a leitura resista à soberana do regramento “artístico”. É urgente que a *profanação* enquanto procedimento narrativo nos aproxime da nudez do *homo sacer* até experimentarmos dores e delícias que estão fora da contemplativa imaginação. Na literatura, a profanação implica a presença de uma linguagem nua como a vida, que desfibrila a tessitura da prosa até que se façam ouvir as vozes dos vivos cuja nudez desafia a representação.

O texto que abre os artigos do presente número, *Uma escritura em chamas: o êxtase erótico e o místico em A fúria do corpo, de João Gilberto Noll*, de Wesley Thales de Almeida Rocha, apreende uma tensão supostamente inconciliável entre experiências subjetivas – o profano e o divino – a fim de dizer como o trabalho de escrita busca reconciliá-las. A construção de uma linguagem poética e profanadora, insólita e cotidiana, está no centro do artigo e mobiliza conceitos extraídos do pensamento de George Bataille e de seu vocabulário crítico. Na esteira da investigação acerca dos procedimentos ficcionais profanos, *Violência e erotismo na escrita de Moscow, de Edyr Augusto*, escrito por Giovanna Luisa Ribeiro do Nascimento, centra-se na materialização da escrita performativa, ela mesma um ato que estabelece clara conexão entre violência, prazer e

quebra de limites ao mostrar a violenta elaboração narrativa. Seu narrador não só transgredir a narrativa tradicional, mas também as regras sociais e os códigos de moral e ética. O erotismo surge não simplesmente como tema, mas também como feixe que ilumina o processo de desencantamento com a ficção. **Nove meses, de Gustavo Piqueira: o projeto desestrutural do livro**, de Carmen Pimentel e Diana Navas, analisa a materialidade do romance *Nove meses* à procura de sua proposta estética, que viola a tradição romanesca. O artigo conecta definições da teoria da literatura, da semiótica e do design gráfico ao introduzir-nos na dinâmica da leitura, especialmente no efeito estético proporcionado pela reunião de elementos composicionais. Em **A solidão é a tinta da viagem: experiências migrantes na narrativa brasileira contemporânea**, de Alex Bruno da Silva, temos a análise de dois romances com diferentes deslocamentos migratórios, produzindo identidades plurais. Centrado no fenômeno da *estraneidade*, o autor coloca o migrante na experiência de interação e estabelece comunidades transnacionais de comunicação fluida.

O artigo **Pensamento Fraco, Verwindung, Ueberwindung e capitalismo: o personagem Júnior de *A arte de produzir efeito sem causa* e a pós-modernidade neoliberal**, de Allison Leão, Juliana Rozário do Nascimento e Márcio Páscoa, apresenta ao leitor o íntimo atormentado do protagonista, de onde nasce uma visão da realidade que se constrói *de dentro para fora*. O léxico do romance, seu fluxo temporal e “uma certa afasia” do protagonista não escapam à análise da composição narrativa. **Topologias do desejo em *O que te pertence*, de Garth Greenwell**, escrito por Claudimar Pereira Silva, concentra-se na perspectiva de um narrador cujo olhar desejante do *cruising* leva-o a percepções espaciais atreladas ao desejo e à fruição anônima do homoerotismo masculino. Nesse romance, espaço e subjetividade estão profundamente implicados, pois se mostram a partir de um olhar *fantasmático e desejante* da prática *cruising*. A seguir, na perspectiva da investigação acerca das vivências urbanas, o artigo **O grotesco, o marginal e a estranheza no romance *Favelost*, de Fausto Fawcett**, escrito por Ricardo Celestino, procura compreender o trabalho de construção de sentido realizado pelo leitor mediante os quadros hermenêuticos providos pela literatura marginal e pelo grotesco. O artigo aborda um tema politicamente caro aos estudos da contemporaneidade: os modos como a literatura narra a violência. Trata-se de uma análise necessária e urgente, tendo em vista que o discurso literário é frequentemente entendido como lugar no qual o grotesco e o abjeto emergem. Em **O peso de um duplo problema de gênero (também literário): violências de gênero em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei**, os autores

Lays Christine Santos de Andrade e Ruan Nunes Silva propõem o retorno ao tema da unidade forma/conteúdo. Sob a perspectiva do fazer ficcional, o texto se propõe a pensar o desafio de dar forma narrativa a eventos violentos. Como o romance pode explorar tais eventos narrando-os com responsabilidade? A pergunta ecoa no artigo e convoca vozes abalizadas da crítica para refletir sobre o modo como, na contemporaneidade, o gênero romance dará conta de dizer a violência de gênero.

O ensaio seguinte, **O olhar saramaguiano acerca da identidade performada: O homem duplicado**, de Ana Marcia A. Siqueira, analisa o modo como Saramago explora o recurso fantástico como expediente narrativo que borra fronteiras entre a personagem e seu duplo, do mesmo modo como o homem confunde-se com o conceito acerca de si. O texto aponta, ainda, para o domínio da técnica sobre a vida e os modos de ser dos indivíduos subordinados à lógica da (re)produção em escala mercadológica e consumista. A condição existencial e os efeitos de uma ordem social sobre os indivíduos também é discutida no artigo de Ricardo Tiezzi, **Em nome do pai, do filho e da mãe: a tormenta materna em *Morra, amor*, de Ariana Harwicz**. O texto investiga obras anteriores tais como: *O filho natural*, de Diderot, e *O pai*, de Strindberg e, ao fazê-lo, reúne sob o mesmo olhar obras de diferentes épocas e gêneros literários para, a despeito desses limites, verificar nelas a persistência da crítica à narrativa da ordem familiar burguesa. A seção de **Artigos** se encerra com **Olhar e perceber: ser – diálogo com *A asa e a serpente e Matadouro***, de Vicente Franz Cecim, escrito por Adonai da Silva de Medeiros, que explora os contrastes entre um texto audiovisual e outro literário. É no diálogo entre filme e romance, ambos do mesmo autor, que as reflexões se desenvolvem com base em argumentos sobre o estético fundamentados em Gilles Deleuze e Giorgio Agamben.

Quanto aos **Ensaio**s presentes neste número, eles são atravessados pela perspicácia dos que enxergam na linguagem a oportunidade da profanação. De que outra maneira é possível profanar qualquer realização humana senão pela linguagem? É sob as palavras que existimos; a cada verso ou novo conceito ampliamos o sentido e a extensão do que fica por dizer. É a respeito do que se move sob o repouso do verbo que poetas e filósofos escrevem; a respeito disso só se pode saber profanando a quietude do já dito. **Linguagem, comunicação e espetáculo, profanação e política: o léxico de Giorgio Agamben**, de Alan Barbosa Buchard e Daniel Arruda Nascimento, nos encoraja à imersão nas nuances da linguagem a fim de mobilizarmos o vigor político do pensamento. Destaca-se o comentário sobre o que Agamben entende por comunicação como *gesto politico* e o quanto esse ato nos define na comunidade humana, tema que o ensaio

aprofunda a partir de léxicos caros a Agamben, tais como “fratura” e “cisão”. **Construção e reconstrução: os caminhos da dialética na crítica literária brasileira a partir dos desacordos críticos entre Roberto Schwarz e Antonio Candido**, de Tiago Salomon Bezerra Mouallem, investiga os modos como Candido e Schwarz articulam suas palavras como quem traça a cartografia da crítica literária brasileira e os contornos de certa história da Literatura Brasileira. **Campos de Carvalho e o diabo**, de Mario Tommaso, é uma contribuição valiosa para o debate acerca dos diferentes posicionamentos da crítica literária, focalizando a arena política da argumentação entre artistas e críticos. **Uma Mann Wislawa a outra: natureza, racionalismo e ironia social em Wislawa Szymborska e Thomas Mann**, de Luana Signorelli Faria da Costa e Luis Henrique Garcia Ferreira, lança um olhar transversal sobre o diálogo entre um poema e um romance a fim de perceber implicações entre formas e temas; entre as obras e as biografias dos autores. **Poèmes du Brésil: a representação do Brasil por Géo-Charles**, de Susanna Busato, demonstra como se pode pintar um país com verbo poético. Já em **Poesia literária como direito no espaço escolar: algumas discussões**, os autores Bruno Luiz Signori e Vaima Regina Alves Motta reivindicam o necessário lugar da poesia na prática pedagógica escolar e traçam considerações sobre a potência transformadora do verbo poético materializado no poema. **Celebração dos elementos: poesia e imagem ritualística e alquímica em Henriqueta Lisboa**, de Rodrigo Felipe Veloso, investiga as imagens poéticas usadas pela poeta portuguesa através das teses de Bachelard e de Karl Jung. **Sobre o ato de ler poeticamente: reflexões sobre o ensino de literatura na escola e o seu papel na formação de leitores hipercríticos**, de Jefferson de Moraes Lima, analisa práticas de leitura e ensino de literatura destacando-lhes a potência crítica. **Para ouvir e ler: o podcast como meio de incentivo à leitura**, de Hadassa Rodrigues e Marcia Fusaro, assim como **Cinema e cordel o diálogo intersemiótico em Psicose, de Alfred Hitchcock**, de Laiane Lima Freitas, convergem quanto à variedade de linguagens que afetam o leitor contemporâneo e promovem nele diferentes habilidades de percepção do mundo. **À margem da margem: confluências entre a poesia beatnik de Elise Cowen e a poesia slam paranaense** de Graciele de Fátima Amaral e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira reivindica o olhar da crítica sobre a produção poética das mulheres que ficaram à margem da poesia nascida na geração *beat*.

Fechando o presente número de *FronteiraZ*, a escritora Paloma Vidal é a nossa convidada especial na seção *Entrevista*. Ao reconstruir sua trajetória como professora, escritora e pesquisadora, Paloma destaca momentos importantes de suas reflexões sobre

biodrama, profanação em sala de aula, tradução e palestras-performances – um de seus experimentos relevantes para compor uma articulação entre escrita, ensino e pesquisa.

Prof. Dr. Elielson de Souza Figueiredo (Universidade do Estado do Pará- UEPA)

Profa. Dra. Vera Bastazin (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP)